



O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA A PARTIR DE GÊNEROS TEXTUAIS: O TRABALHO COM FÁBULAS

Leonardo Stoffels (leon4772@gmail.com)

Lindalva Siqueira (lindalvahss@gmail.com)

Ana Cecília Teixeira Gonçalves (acgteixeira@uffs.edu.br)

Jeize de Fátima Batista (jeize.batista@uffs.edu.br)

Annelize Kitzmann Tonel (anni.tonel@hotmail.com)

Eixo temático: Experiências de Formação

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo apresentar uma proposta pedagógica de ensino de Língua Portuguesa a qual se fundamenta em uma perspectiva sociointerativa de linguagem. Nesse enfoque, a linguagem, aponta Costa Hubès (2011, s.p), "é concebida como fato histórico, resultado de ações coletivas que os homens desenvolvem, no processo ao longo de sua história". Ou seja, a língua é vista aqui como um processo dinâmico, cujo aprendizado se dá pela presença do outro.

O projeto foi feito por uma dupla de estudantes da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) – *Campus* Cerro Largo, através de uma bolsa de estudos fornecida pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). O PIBID oferece aos docentes de licenciatura a oportunidade de inseri-los de forma presencial em sala de aula, uma experiência que ajuda a construir o conhecimento necessário para suas futuras atuações profissionais.

Todavia, os anos de 2020 e 2021 estão sendo marcados pela pandemia do coronavírus, uma doença infecciosa causada pelo vírus da síndrome respiratória aguda grave 2 (SARS-CoV-2), a qual trouxe mudanças em todas as esferas sociais ao redor do globo, incluindo escolas e universidades. Tanto a UFFS, quanto a escola na qual está sendo desenvolvido o trabalho, tiveram de se adaptar a medidas de isolamento social impostas pelo governo estadual, de modo que o projeto está sendo realizado de maneira remota.

Assim, inserida nesse contexto, nossa proposta pedagógica teve por objetivo incentivar a criatividade dos alunos através da leitura e produção de fábulas, bem como caracterizar sociodiscursivamente este gênero para alunos do 6º ano de uma escola Estadual de Ensino Fundamental no interior do estado do Rio Grande do Sul. No que diz respeito às atividades de produção textual, é interessante destacar que

optamos por trabalhar com a perspectiva teórica do bilhete orientador¹, por considerarmos que é uma ferramenta didática que oferece uma integração entre aluno e professor de forma didática, simples e acessível (FUZER, 2012). Para dar conta disso, este trabalho está dividido da seguinte forma: primeiramente, descrevemos as atividades desenvolvidas, como também apresentamos o contexto de atuação; em seguida, retomamos algumas questões vinculadas à prática pedagógica, a fim de relacioná-las com o aporte teórico utilizado; por fim, apresentamos as considerações finais.

2. CONTEXTO E DETALHAMENTO DAS ATIVIDADES

Este trabalho teve como contexto a Escola Estadual de Ensino Fundamental Sargento Sílvio Delmar Hollenbach, localizada na cidade de Cerro Largo – Rio Grande do Sul.

Na segunda-feira, 5 de julho de 2021, foram ministradas por nós, pibidianos, duas aulas de 50 minutos de duração, uma às 14:10 e outra às 16:05, ambas realizadas de maneira remota, de modo que os alunos estavam presentes na instituição, acompanhados da professora de português, enquanto nós trabalhávamos com auxílio de *notebooks* em nossas casas. Na terça-feira, 13 de julho, foram ministrados mais dois períodos de aula, das 13:10 às 15:10. Nesse dia, a aula foi remota não apenas para os pibidianos mas também para os alunos, que assistiram em suas casas. Tendo ainda uma quinta e última aula, quinta-feira, dia 15 de julho, das 14:10 até as 15:00 (sendo esta também remota para todos).

O objetivo geral da proposta foi incentivar a criatividade dos alunos através da leitura e da produção de fábulas. Buscamos também explicar sobre a conceitualização deste gênero textual de uma forma lúdica, promovendo o interesse da turma pela leitura e incentivando a interpretação de textos. Por fim, projetamos produzir um livro de fábulas, a fim de instigar a imaginação dos estudantes.

Como estratégia de pré-leitura, falamos sobre o gênero fábula, enfatizando algumas de suas características sociodiscursivas. De acordo com Portella (1983, p. 121), a fábula é caracterizada por

Uma narração breve, em prosa ou em verso, cujos personagens são, via de regra, animais e, sob uma ação alegórica, encerra uma instrução, um princípio geral ético, político ou literário, que se depreende naturalmente do caso narrado.

Sobre fábula e alegoria é preciso entender que este gênero não se refere a toda ação alegórica, pois, se assim fosse, qualquer signo possível como um gesto de mãos, uma cantiga, ou uma flor poderia ser chamada de fábula. Para a fábula existir, ela precisa de uma narrativa que sustenta a alegoria, escrita em prosa ou versos, ou contada de maneira oral (PORTELLA, 1983).

¹ Trata-se de um “gênero catalisador” que favorece “o desencadeamento e a potencialização de ações e atitudes consideradas mais produtivas para o processo de formação, tanto do professor como de seus aprendizes” (SIGNORI apud FUZER, 2012, p. 215).

Tendo isso em vista, para a caracterização, os alunos foram questionados sobre o que eles entendiam por fábula, bem como sobre quais narrativas do gênero lhe eram familiares.

Perguntamos se eles conheciam o escritor Monteiro Lobato, que seria trabalhado em seguida, e passamos um vídeo sobre a fábula “O Ratinho, o Gato e o Galo”. Os alunos ainda puderam acompanhar a narrativa por meio de uma cópia do texto que lhes foi dada pela professora regente da escola. Após o término do vídeo, fizemos-lhes seis perguntas, conforme quadro 1:

Quadro 1 – Perguntas de interpretação sobre a fábula “O Ratinho, o Gato e o Galo”

- 1- Qual o assunto principal?
- 2- Quais eram os personagens?
- 3- Por que o ratinho saiu do buraco?
- 4- Qual é a moral da história?
- 5- Como o gato é descrito na visão do ratinho? E o galo?
- 6- O que se quis dizer com “quem vê cara não vê coração”?

Fonte: Plano de aula dos pibidianos.

Todos os alunos foram muito participativos e responderam às questões, entendendo intuitivamente que a moral da história era “não julgar o outro pela aparência”, apesar deles afirmarem que já julgaram sem antes conhecer, ressaltando, porém, que iriam conhecer a pessoa antes de julgar a partir de então. Após as leituras, foi passada uma atividade a ser realizada em casa, sendo que esta foi feita apenas por 3 alunos, pois, infelizmente, a atividade não foi acessível a todos, já que apenas uma minoria dispunha de internet ou celular.

No segundo período de aula, foi lido com a turma o texto “o Leão e o Ratinho”, de Monteiro Lobato, acompanhada de um vídeo, e foram realizados alguns questionamentos, como mostra o quadro 2:

Quadro 2 – Questionamentos sobre a fábula “o Leão e o Ratinho”

- 1- Sobre o que é a fábula?
- 2- Qual é a mensagem que ela nos passa?
- 3- O que o leão fez com o ratinho assim que acordou?
- 4- Por que o leão é considerado o rei da floresta?
- 5- Quem salvou o leão?

Fonte: Plano de aula dos pibidianos.

Novamente, os discentes colaboraram bastante com a atividade, entendendo intuitivamente que a moral da história era referente aos benefícios do altruísmo (embora eles tenham afirmado que não se deve ajudar ao próximo esperando algo em troca). Na sequência, foi passada uma atividade a ser realizada em casa, sendo esta feita por apenas seis alunos. Na ocasião, foi possível notar a dificuldade dos discentes na escrita².

² Sobre essa questão, em um momento posterior, quando os alunos criaram suas fábulas,

Na aula seguinte, foi lida a fábula, “O julgamento da ovelha”, acompanhada de um vídeo explicativo. Mais uma vez, foram realizados alguns questionamentos, conforme quadro abaixo:

Quadro 3 – Questionamentos sobre a fábula “O julgamento da ovelha”

- 1- Qual é o ensinamento da fábula?
- 2- Por quem a ovelha foi julgada?
- 3- Por que ela foi julgada?
- 4- O que vocês fariam no lugar de quem a julgou?
- 5- O que vocês acharam da fábula? Mudariam alguma coisa? O quê?

Fonte: Plano de aula dos pibidianos.

Pela terceira vez consecutiva, a cooperação dos alunos para com a tarefa foi satisfatória. Ao serem questionados sobre o título, eles responderam que se tratava da ovelha julgando alguém, todavia, após a leitura, eles viram que se tratava de um julgamento sobre a ovelha. A reação dos alunos foi de revolta, pois se tratava de uma história em que a ovelha foi vítima, o que contrariava a hipótese inicial deles, de que ela era uma infratora.

Para a próxima aula, foi realizada a elaboração de uma oficina de fábulas, uma atividade em que os alunos criaram individualmente um livro contendo uma fábula que eles mesmos construíram. A fábula foi montada a partir de personagens selecionados em sala de aula: cada aluno escolheu uma personagem e lhe atribuiu uma qualidade e um defeito. Todos deveriam incluir os personagens e essas mesmas características (qualidade/defeito) em suas respectivas fábulas (por exemplo, M. escolheu o leão e lhe atribuiu a força como qualidade e o orgulho como defeito. Assim, a turma deveria colocar o leão em sua história, incluindo sua força e seu orgulho). Feito isso, todos os presentes leram suas fábulas em aula.

No cotidiano, vemos muitas narrativas, pessoas contando histórias riquíssimas em detalhes, o que também é uma forma de texto. Essas mesmas pessoas podem ser excelentes *storytellers* (contadores de histórias), mas péssimas escritoras aos olhos de um professor. Acontece que os critérios de julgamento para um texto, como gramática, coerência e coesão, podem ser excludentes, e assim é de se questionar a eficácia do método do professor de Língua Portuguesa ao avaliar a produção textual do aluno (ILARI, 2009). Por isso, escolhemos trabalhar com o bilhete orientador. Nesse sentido, acreditamos que o bilhete orientador é uma prática menos “agressiva” ao aluno do que, por exemplo, a correção indicativa, pois as críticas não se sobrepõem (ao menos não de maneira brusca) aos elogios do texto produzido por este, de modo que o aluno se sente mais motivado a corrigir os erros que lhe foram pontuados.

Desse modo, uma vantagem da reescrita pela orientação de bilhetes é que o professor ultrapassa os limites da correção indicativa, esta que apenas aponta os erros e problemas no texto do aluno, sem indicar as soluções. A tarefa que for auxiliada pelo bilhete orientador estabelece uma interlocução entre aluno e professor, de modo que a atividade do texto a ser produzido acaba tendo dois

fizemos uso do bilhete orientador, uma vez que entendemos que se trata de um recurso eficaz para se trabalharem as capacidades discursivas dos estudantes.

enunciados: o primeiro, antes que o aluno comece a escrever, e o segundo pela reescrita. Sendo assim, a avaliação do processo não é apenas uma meta final, mas também uma forma de integração (MANGABEIRA, COSTA E SIMÕES, 2011). Nesse contexto, destacamos o que aponta Fuzer (2012, p. 215) sobre a interação entre aluno e professor no bilhete orientador:

o professor que concebe a língua como meio de interação social terá preferência por adotar uma posição dialógica com o texto do aluno, exercendo diferentes papéis conforme as fases de produção (ora leitor, ora assistente, ora avaliador, ora examinador), sempre com o propósito de ajudar a melhorar o texto que se encontra em processo de construção.

Moterani e Monegassi (2013, p.263) apontam que os comentários presentes nos bilhetes orientadores se dão pelos seguintes aspectos:

- Apresentam-se no corpo e nas margens do texto, assim como no pós-texto;
- Dependendo do que o professor quer apontar, um problema local, ou global do texto, pois quando estão localizados, auxiliam o aluno na compreensão do problema destacado, mas quando estão no espaço posterior ao texto referem-se a problemas gerais;
- Solicitam a complementação de dados que se apresentam incompletos, por meio de informações, que auxiliam na melhoria da progressão temática;
- Caracterizam-se como questionamentos, solicitações, sugestões e ressalvas;
- Auxiliam o aluno na compreensão da finalidade da produção do gênero textual solicitado;
- Apresentam-se também como elogios, servindo como estímulo à melhoria do texto, revelando o cumprimento da finalidade do gênero textual.

Nesse viés, optamos pelo bilhete orientador, numa tentativa de evitar repetir as limitações da correção indicativa, para que assim o aluno não iniba o seu potencial de expressão na escrita.



3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DO RELATO

A fábula apresenta um caráter universal, podendo ser encontrada em

praticamente todas as culturas humanas ao longo da história. Essa onipresença se deve, provavelmente, pela relação que a fábula tem com a sabedoria popular, pois este gênero é uma narrativa que apresenta muitos vícios e virtudes da condição humana, que mais tarde ensinam uma lição de moral ao leitor ou ouvinte da obra. Não por acaso, hoje, muitas vezes, perguntamos qual é a “moral da história”, quando temos contato com alguma narrativa literária. Essa é uma influência das fábulas em nossa cultura, pois esse gênero tem um caráter educativo, do qual extraímos alguma lição prática (BAGNO, 2006). Escolhemos essa espécie de texto por se tratar de uma forma de conteúdo que facilita o aprendizado do aluno:

Através das histórias infantis a criança desenvolve suas habilidades intelectuais, e é a partir das narrações feitas que ela se torna instruída. Quando o professor trabalha essas histórias constantemente em sala de aula, a criança vai percebendo os fatos narrados e questionando o professor sobre suas dúvidas, isso possibilita uma aprendizagem mais ampla, onde o aluno não é mero espectador, ele é o agente transformador dessas histórias (ROSA, 2013, p.16)

Rosa (2013) ressalta, no entanto, que como as crianças estão com a personalidade em desenvolvimento e sujeitas a mudanças constantes, é fundamental que as fábulas façam parte da rotina escolar, e que não sirvam apenas como um entretenimento superficial, com estórias contadas avulsamente.

Para facilitar a produção de textos, nesse caso, em específico, a produção de fábulas, optamos por utilizar como instrumento o bilhete orientador. A grande vantagem da reescrita pela orientação de bilhetes, conforme já mencionado na seção anterior, é que o professor ultrapassa os limites da correção indicativa. No entanto, Guimarães e Oliveira (2015) lembram que a intervenção do bilhete no texto do aluno deve ser feita com alguns cuidados. Por exemplo, um bilhete muito extenso (que está mais próximo de uma carta do que um bilhete, ironizam os autores) pode ser demasiadamente invasivo, trazendo insegurança ao aluno, que, pressionado, acaba perdendo sua autoria no processo. É preciso estar atento para que a intervenção do professor com o bilhete não apague o “eu” no texto do estudante, pois o aluno, nesse caso, está mais preocupado em agradar aquele que corrige do que encontrar a sua própria autoria.

Tendo todos esses aspectos em vista, é importante destacar que a experiência contida neste relato teve pontos positivos e negativos. Por um lado, as aulas foram divertidas, e os alunos foram participativos enquanto estavam em aula. Corrigir as fábulas através dos bilhetes também foi uma tarefa gratificante. No entanto, houve limites na adesão dos alunos nas tarefas de casa: de 8 alunos, 6 mandaram seus textos para a correção, o que até aí é satisfatório, porém apenas uma aluna reescreveu o texto a partir das orientações do bilhete. A atividade da oficina, apesar de interessante para nós, especialmente pela qualidade ilustrativa – uma vez que tivemos como resultado desenhos muito bonitos - foi feita por apenas 4 alunos, apenas metade da turma.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Felizmente, não houve nenhum disparate entre o nosso planejamento e o desenrolar da atividade. Mesmo se tratando de apenas cinco aulas (das quais quatro estavam em nosso planejamento e uma quinta foi acrescentada), achamos gratificante essa experiência de licenciatura e entendemos que ela é de suma importância para o nosso futuro profissional. Vale ressaltarmos, no entanto, que a experiência poderia ter sido ainda mais proveitosa se tivesse sido feita de maneira presencial: é mais difícil estabelecer uma comunicação com uma turma de alunos estando a distância.

Ressaltando que o ensino remoto é atípico e imposto forçosamente pela pandemia da Covid- 19, o fato é que nenhum de nós - tanto alunos, como professores, seja em escola ou na universidade - estava pronto para se adaptar a essa nova forma de ensino. Passados 16 meses desde o início da pandemia, enquanto escrevemos, ainda há muito a se aprender sobre o ensino mediado por novas formas de tecnologia possibilitadas pela internet.

Sobre o desenrolar das aulas, salientamos que a fábula é uma boa maneira de se introduzir o conceito e a importância do estudo de gênero textual, além de que suas produções incentivam a criatividade, por se tratar de um tipo de narrativa que se utiliza da fantasia e da imaginação. E o bilhete orientador é um excelente veículo pedagógico para esse mesmo incentivo.

É importante ainda lembrarmos que a leitura continua sendo um desafio para o ensino em todo o país. Na década de 90, Suassuna (1995, p.32) já apontava que a decisão sobre a leitura a ser indicada pelos alunos “depende menos de critérios linguísticos e cognitivos do que de condições concretas como a existência de um livro na escola, ou mesmo a possibilidade de reprodução do texto”. Ou seja, a falta de estrutura das escolas torna a escolha de um texto quase que impossível, pois, para haver uma escolha, são necessários livros, e isso é um luxo que até hoje nem todas as escolas possuem.

De acordo com as informações do Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB), fornecidas pelo portal Interdisciplinaridade e Evidências no Debate Educacional (IEDE, 2017), mais de 60% dos diretores de escola pública no país afirmaram não haver livros didáticos suficientes para os alunos em 2017. Sendo que, em sete estados, essa faixa ultrapassou 70%: Rondônia (75,3%), Mato Grosso (75,3%), Mato Grosso do Sul (75,3%), Distrito Federal (73,2%), Bahia (71,5%), Rio Grande do Norte (70,4%) e Espírito Santo (70,2%).

Diante desse triste quadro, cabe a nós, pibidianos, bolsistas ou profissionais da educação, tentar promover uma educação de qualidade para todos, ainda que isso represente um grande desafio!

5. REFERÊNCIAS

BAGNO, M. DE CARVALHO; M.A; MENDONÇA; R.H. *Fábulas fabulosas*. Práticas de leitura e escrita. Brasília: Salto Para o Futuro, 2006.

COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição. POR UMA CONCEPÇÃO SOCIOINTERACIONISTA DA LINGUAGEM: ORIENTAÇÕES PARA O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA. *Línguas & Letras*, v. 1, n. 1. 2011

FABULARIO. O julgamento da ovelha (Fábula), de Monteiro Lobato. Youtube, 12 abr. 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=m2rUmyGcGRY>> Acesso em: 23. ago. 2021

FUZER, Cristiane. Bilhete orientador como instrumento de interação no processo ensino-aprendizagem de produção textual. *Letras*, n. 44, p. 213-245, 2012.

GUIMARÃES, Fernanda Tais Brignol; DE OLIVEIRA, Vinícius Oliveira. O bilhete orientador como índice de rasura ou de escrita? Quais são os movimentos provocados por esse instrumento de intervenção na reescrita do texto do aluno?. *Revista Científica Ciência em Curso*, v. 4, n. 2, p. 135-144, 2015.

ILARI, Rodolfo. *Linguística e ensino da Língua Portuguesa como língua materna*. SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Cultura. Museu da língua portuguesa. Textos. São Paulo: s/e, 2009.

LOBATO, Monteiro. *Fábulas*. São Paulo: Universo dos Livros, 2019.

MANGABEIRA, Andréa Burgos de Azevedo; COSTA, Éverton Vargas da; SIMÕES, Luciene Juliano. O Bilhete Orientador: um gênero discursivo em favor da avaliação de textos na aula de línguas. *Cadernos do IL. Porto Alegre, RS*. N. 42 (jun. 2011), p. 293-307, 2011.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Conta pra Mim | Fábulas | O Ratinho, o Gato e o Galo. Youtube, 25 ago. 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=sik1XgZ7OqE&t=>> Acesso em: 23 ago. 2021

MOTERANI, Natalia Gonçalves; MENEGASSI, Renilson José. Aspectos linguístico-discursivos na revisão textual-interativa. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, v. 52, n. 2, p. 217-237, 2013.

PORTELLA, Oswaldo O. A fábula. *Revista Letras*, v. 32, 1983.

PROFESSOR ON-LINE. *O leão e o ratinho* - Monteiro Lobato. Youtube, 24 jun. 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=a-lpIDAqaGI>> Acesso em: 23 ago. 2021

ROSA, Ildicéia de Andrade. *A contribuição dos contos de fadas e fábulas no processo de ensino aprendizagem na educação infantil*. Tese (Pós Graduação em

Educação: Métodos Técnicas de Ensino) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Medianeira, p.44, 2013

SUASSUNA, Lívia. Ensino de Língua Portuguesa: problemas e perspectivas metodológicas. *Tópicos Educacionais*, Recife, v. 13, n1/2, pp. 31-39, 1995.